

**A COMPREENSÃO LEITORA NA INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA MEDIAÇÃO LITERÁRIA NO CONTEXTO BRASILEIRO****READING COMPREHENSION IN CHILDHOOD AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE ROLE OF LITERARY MEDIATION IN THE BRAZILIAN CONTEXT****COMPRESIÓN LECTORA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL Y PREESCOLAR: EL PAPEL DE LA MEDIACIÓN LITERARIA EN EL CONTEXTO BRASILEÑO**

Oderleia Rodrigues dos Santos Castro \*

**RESUMO**

Este texto explora a importância da mediação literária na infância e na Educação Infantil, vinculando-a ao desenvolvimento da compreensão leitora e analisando o desempenho da leitura no Brasil nas últimas décadas. O objetivo é destacar a relevância da mediação literária desde a infância, integrando conceitos teóricos e práticas sociais, e refletir sobre estratégias pedagógicas para promover a compreensão leitora. A metodologia envolve uma revisão bibliográfica crítica. Conclui-se que a mediação literária na infância é essencial para formar leitores competentes e críticos, enriquecendo vocabulário e promovendo o desenvolvimento socioemocional das crianças. Além disso, destaca-se a necessidade de integrar a leitura na formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação literária. Infância. Compreensão leitora. Educação Infantil

**ABSTRACT**

This text explores the importance of literary mediation in childhood and Early Childhood Education, linking it to the development of reading comprehension and analyzing the performance of reading in Brazil in recent decades. The objective is to highlight the relevance of literary mediation from childhood, integrating theoretical concepts and social practices, and to reflect on pedagogical strategies to promote reading comprehension. The methodology involves a critical literature review. It is concluded that literary mediation in childhood is essential to form competent and critical readers, enriching vocabulary and promoting children's socio-emotional development. In addition, the need to integrate reading in the formation of a fairer and more egalitarian society is highlighted.

**KEYWORDS:** Literary mediation. Childhood. Reading comprehension. Early Childhood Education

---

\*Discente do Curso de Mestrado em Educação da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. e-mail: klinhokravana@hotmail.com

## **RESUMEN**

Este texto explora la importancia de la mediación literaria en la infancia y la Educación Infantil, vinculándola al desarrollo de la comprensión lectora y analizando el desempeño de la lectura en Brasil en las últimas décadas. El objetivo es resaltar la relevancia de la mediación literaria desde la infancia, integrando conceptos teóricos y prácticas sociales, y reflexionar sobre estrategias pedagógicas para promover la comprensión lectora. La metodología implica una revisión crítica de la literatura. Se concluye que la mediación literaria en la infancia es fundamental para formar lectores competentes y críticos, enriqueciendo el vocabulario y promoviendo el desarrollo socioemocional de los niños. Además, se destaca la necesidad de integrar la lectura en la formación de una sociedad más justa e igualitaria.

**PALABRAS CLAVE:** Mediación literaria. Niñez. Comprensión lectora. Educación Infantil

## **INTRODUÇÃO**

O problema de pesquisa desse texto pode ser a análise do desempenho da leitura no Brasil, considerando as últimas décadas, e a reflexão sobre práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora, bem como a importância da mediação literária na infância e na Educação Infantil para estimular o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

O objetivo do texto é apresentar a importância da mediação literária na infância e na Educação Infantil, bem como a análise crítica do desempenho da leitura no Brasil nas últimas décadas, destacando a importância de alinhar as concepções teóricas com as práticas sociais e refletir sobre práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora. O texto também busca discutir como a leitura pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e como a mediação literária pode ser utilizada na Educação Infantil para estimular o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

A justificativa do texto é a necessidade de refletir sobre a importância da leitura na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, considerando que a leitura é uma prática social que possibilita a integração do indivíduo em sociedade. Além disso, o texto justifica a importância de alinhar as concepções teóricas com as práticas sociais e refletir sobre práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora, considerando o desempenho da leitura no Brasil nas últimas décadas. A justificativa também se baseia na importância da mediação literária na infância e na Educação Infantil para estimular o

desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Os principais autores de fundamentação do texto são: Zygmunt Bauman (2001), que discute sobre educação e juventude; Mikhail Bakhtin (1992) que discute sobre os gêneros do discurso; Isabel Solé (1998) que fala sobre a estratégias de Leitura; Marisa Bittar e Mariluce Bittar (2012) que abordam sobre a história da educação no Brasil; Maria Luíza Santos Ribeiro (1986), fala sobre a História da Educação Brasileira e a organização escolar;

O texto apresenta uma revisão bibliográfica sobre a importância da mediação literária na infância e na Educação Infantil, bem como a análise crítica do desempenho da leitura no Brasil nas últimas décadas, destacando a importância de alinhar as concepções teóricas com as práticas sociais e refletir sobre práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora. O texto também discute como a leitura pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e como a mediação literária pode ser utilizada na Educação Infantil para estimular o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Portanto, pode-se dizer que a metodologia adotada foi a revisão bibliográfica e a análise crítica de estudos e pesquisas sobre o tema.

A mediação literária na infância e na Educação Infantil é essencial para promover o desenvolvimento da compreensão leitora desde os primeiros anos de vida. Isso se dá por meio da criação de ambientes literários ricos, mediadores ativos que incentivam a participação das crianças em discussões e reflexões sobre a literatura, e o respaldo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a importância da leitura desde a Educação Infantil. Essa prática não apenas contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura, mas também amplia o vocabulário, estimula a imaginação e promove o desenvolvimento socioemocional das crianças, preparando-as para se tornarem leitores competentes e críticos desde cedo.

A mediação literária na infância é uma estratégia crucial para o desenvolvimento infantil. Ela vai além da simples decodificação de palavras, sendo uma atividade social que molda nossa compreensão do mundo e nossa capacidade de comunicação eficaz. Com base nas diretrizes da BNCC, educadores, pais e a sociedade em geral devem reconhecer a importância dessa prática e apoiá-la ativamente, garantindo que as crianças tenham acesso a experiências literárias

significativas desde cedo, preparando-as para uma vida de aprendizado e apreciação pela leitura.

## **LEITURA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS**

A leitura desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento, no desenvolvimento pessoal e no fortalecimento da cidadania. Assim, ela pode ser entendida como um ato de empoderamento social capaz de contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, ou seja, não se trata de apenas uma habilidade técnica, mas de uma ferramenta de emancipação e participação ativa na vida social.

Nesse sentido, a leitura não está atrelada apenas ao contexto pedagógico e formativo escolar, mas se trata de uma prática social que possibilita a integração do indivíduo em sociedade e atua diretamente em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social desde os primeiros anos de vida. Vale destacar que ainda hoje existe um forte pensamento reducionista ou simplista sobre a leitura, vinculando-a exclusivamente aos métodos de alfabetização e à educação escolar, mas é fundamental a compreensão de que “a leitura de mundo precede à leitura da palavra”, conforme postula o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1989, p. 09).

É possível afirmar, a partir de pesquisas já desenvolvidas por diferentes áreas da ciência, que os processos de aquisição da língua e da linguagem defendem que a aprendizagem ocorre, primeiramente, a partir de um repertório de conhecimentos que todo indivíduo carrega já desde a primeira infância. Para Martins (1982), se trata de um processo que acompanha o indivíduo, desde o seu nascimento, em níveis até inconscientes, quando as crianças compreendem e dão sentido às coisas à sua volta. Na realidade, o leitor já existe antes de desvendar o sentido das palavras escritas; sua formação ocorreu ao longo das vivências desde as mais simples e pessoais até as influências provenientes da interação com seu ambiente pessoal e o contexto social e cultural que o cerca (MARTINS, 2022).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a leitura está associada a um conjunto de relações cognitivas vinculadas à memória, à percepção, à linguagem, ao raciocínio, entre outros aspectos sensoriais que contribuem na construção de sentidos do sujeito. Outras concepções sobre a leitura dão conta de que os processos de leitura ocorrem à medida em que as experiências e situações do

cotidiano vão possibilitando a organização dos conhecimentos adquiridos. Assim, na visão de Martins (2022), a leitura contribui para que o sujeito tome consciência de si mesmo e do mundo a sua volta. Já para Foucambert (1994; 1997), se refere a uma atividade social, reflexiva, criativa, crítica e libertadora, na qual a complexibilidade e o nível de abstração do pensamento do sujeito estão diretamente relacionados a sua capacidade de ler.

Na concepção de Freire (2003), a leitura envolve um processo complexo e multifacetado que não se restringe a uma interação entre o leitor, o texto e o contexto em um espaço escolar, mas que é capaz de conferir uma dimensão existencial ao sujeito como produtor de linguagem, de sua história e como intérprete do seu contexto.

Sendo assim, cabe destacar o fato de que saber ler também está vinculado às relações de poder, as quais podem gerar inclusão ou exclusão, já que a partir da alfabetização e da escolarização os indivíduos têm acesso a espaços e direitos sociais.

Ter acesso à palavra escrita representa a possibilidade de dominar um instrumento de poder chamado linguagem formal. É nessa linguagem formal que, em qualquer país, estão escritos os códigos, as leis, os regimentos, os ensaios científicos – tudo, enfim, que faz parte da organização e do funcionamento dos grupos. Daí o caráter de exclusão do analfabetismo: ele priva as pessoas de um tipo particular de informação (Antunes, 2003, p. 76, apud Vieira, 2022, p. 21).

Segundo Vieira (2003), a leitura da palavra estabelece a possibilidade de acesso ao conhecimento produzido, expandindo os repertórios de informação do leitor sobre o mundo que o cerca e proporcionando prazer. Nesse processo complexo e dinâmica, o leitor é um "produtor de sentidos", ou seja, é ele quem atribui significado ao texto por meio de suas experiências, vivências e conhecimentos prévios.

Portanto, é crucial compreender que o leitor não deve ser considerado como alguém passivo, mas sim como um participante ativo na criação de significados. O ato de leitura não deve ser limitado a uma mera decodificação de símbolos gráficos, resultado de um processo formal de educação. Conforme destacado por Lajolo (2006), a escola não é o único espaço para a leitura, uma vez que essas práticas se desenvolvem no contexto cotidiano.

A jornada da leitura, que vai do mundo das palavras ao entendimento do mundo em si, é contínua e circular, transformando a leitura em uma prática

interminável e enriquecedora. A leitura, como fonte de prazer e sabedoria, não se limita aos limites da escola (Lajolo, 2006).

Nessa perspectiva, é fundamental ressaltar a importância dos processos de leitura como uma atividade tanto social quanto individual, enfatizando a noção de "leitura do mundo" desde os primeiros anos de vida. Estudos relevantes nas áreas de psicologia e educação sublinham que as experiências precoces têm um impacto significativo no desenvolvimento posterior das crianças. Assim, a leitura na primeira infância emerge como uma poderosa ferramenta para nutrir o desenvolvimento cognitivo, estimulando a curiosidade, a imaginação e a aquisição de vocabulário.

A partir da teoria sociocultural, Vygotsky (1988), destaca a interação social como um elemento importante para a cognição da criança. Dessa forma, é possível dizer que ao ler histórias juntos, os adultos não apenas estimulam a linguagem e o pensamento da criança, mas também introduzem valores culturais e normas sociais. A leitura compartilhada, portanto, promove a construção do conhecimento e do letramento desde os primeiros anos.

Além disso, pode atuar de forma significativa nos aspectos socioemocionais das crianças, através da leitura de histórias que abordam temas como amizade, empatia e resolução de conflitos, ajudando-as a compreender e lidar com suas próprias emoções e a desenvolver habilidades sociais. Para Ferreiro (2005), nesse contexto a leitura estimula também o processo de compreensão do sistema de escrita. Em sua concepção, desse modo, desde cedo, as crianças começam a entender que a escrita é uma representação simbólica da linguagem falada, a partir do contato com materiais escritos, a exemplo dos livros.

## **TECNOLOGIAS EMERGENTES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA**

No cenário educacional contemporâneo, as tecnologias emergentes têm desempenhado um papel fundamental na transformação do processo de ensino e aprendizagem, especialmente no contexto da leitura e escrita. Bates (2015), argumenta que os educadores devem abraçar as tecnologias emergentes para se conectarem com os alunos e promoverem uma aprendizagem mais eficaz.

No contexto das tecnologias emergentes, ferramentas como aplicativos de realidade aumentada e virtual têm sido exploradas para enriquecer a experiência de leitura, proporcionando ambientes imersivos e interativos que estimulam o interesse dos alunos. Lopes (2019), discute sobre a realidade aumentada na educação

mostrando o potencial dessas tecnologias para transformar a forma como os alunos interagem com textos literários.

Além disso, plataformas de aprendizagem adaptativa e inteligência artificial estão sendo cada vez mais integradas ao ensino da leitura e escrita, personalizando o processo de aprendizagem de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Isotani, et al (2019) abordam sobre a Inteligência Artificial e Aprendizagem Adaptativa na Educação. Eles exploram como essas tecnologias podem oferecer feedbacks instantâneos e personalizados para promover o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Assim, as tecnologias emergentes estão revolucionando o ensino da leitura e escrita, proporcionando novas oportunidades para aprimorar as habilidades dos alunos e promover uma aprendizagem mais significativa. Ao integrar essas ferramentas inovadoras de forma consciente e reflexiva, os educadores podem potencializar o desenvolvimento literário de seus alunos, preparando-os para os desafios e oportunidades do século XXI.

A seguir algumas sugestões de práticas de leitura em contextos diferentes.

**Quadro 1** - Sugestões de práticas de leitura em diferentes contextos

| <b>Contexto</b>    | <b>Práticas de Leitura</b>  | <b>Resultados</b>  |
|--------------------|---|--|
| Escola tradicional | Leitura de textos impressos em sala de aula, ênfase na decodificação e compreensão literal, pouca diversidade de gêneros textuais | Desenvolvimento de habilidades básicas de leitura, mas limitação na análise crítica e interpretação profunda dos textos.             |
| Biblioteca pública | Acesso a uma variedade de livros e recursos de leitura, promoção de clubes de leitura e eventos literários                        | Estímulo à leitura por prazer e interesse próprio, ampliação do repertório literário e desenvolvimento da imaginação e criatividade. |
| Ambiente digital   | Leitura de textos online, interação com hipertextos, blogs, redes sociais, participação em fóruns de discussão literária          | Facilidade de acesso a informações, maior interatividade e colaboração, porém risco de distração e superficialidade na leitura.      |

Fonte: Elaboração da autora (2024)

Este quadro apresenta um estudo comparativo das práticas de leitura em diferentes contextos: escola tradicional, biblioteca pública e ambiente digital. Na escola tradicional, as práticas de leitura estão centradas na sala de aula, com foco na decodificação e compreensão literal de textos impressos. Embora isso promova o

desenvolvimento de habilidades básicas de leitura, pode haver limitações na análise crítica e na interpretação profunda dos textos.

Por outro lado, nas bibliotecas públicas, os leitores têm acesso a uma ampla variedade de livros e recursos de leitura, além de participarem de atividades como clubes de leitura e eventos literários. Isso promove a leitura por prazer e interesse próprio, ampliando o repertório literário dos leitores e estimulando a imaginação e criatividade.

No ambiente digital, as práticas de leitura envolvem a leitura de textos online, interação com hipertextos, blogs, redes sociais e participação em fóruns de discussão literária. Embora isso ofereça facilidade de acesso a informações e promova maior interatividade e colaboração entre os leitores, também pode haver o risco de distração e superficialidade na leitura, devido às múltiplas distrações presentes na internet.

Portanto, cada contexto apresenta vantagens e desafios distintos no que diz respeito às práticas de leitura, destacando a importância de uma abordagem diversificada e equilibrada para promover o desenvolvimento completo das habilidades de leitura dos indivíduos.

## **AS RELAÇÕES ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Depois de ampliarmos nosso entendimento sobre a leitura em suas dimensões sociais e culturais, reconhecendo-a como uma prática social que se relaciona ao indivíduo desde os primeiros anos de vida, é fundamental que examinemos as distinções entre os conceitos de letramento e alfabetização e como eles se relacionam (ou não) com a educação formal. Magda Soares (1998), ao abordar a linguagem e suas implicações sociais, debate as noções de alfabetização e letramento no contexto escolar, enfatizando a importância de superar a visão restrita da linguagem como um simples meio de comunicação e, em vez disso, reconhecer seu papel fundamental na construção do pensamento, no desenvolvimento das habilidades cognitivas e na formação de identidades culturais.

Segundo a autora, a linguagem desempenha um papel crucial na construção do conhecimento e nas relações sociais tanto dentro quanto fora da escola, servindo como uma ponte entre as práticas sociais e o processo de aprendizado escolar. Ao considerar essas dimensões sociais e culturais da linguagem, Soares (2011) critica a



abordagem tradicional do ensino da língua, que frequentemente se concentra em regras gramaticais desconectadas da realidade, afastando os estudantes das práticas reais de comunicação. Em vez disso, ela propõe uma abordagem mais interativa e significativa, na qual os alunos podem explorar textos autênticos e desenvolver habilidades de leitura crítica e produção textual.

Ademais, Soares enfatiza a importância da leitura e da escrita como práticas sociais que vão além do contexto escolar e explora as distinções entre alfabetização e letramento. Ela destaca que a alfabetização está relacionada ao processo inicial de aprendizado da escrita e leitura, focando na aquisição das habilidades de decodificação, ou seja, na capacidade de reconhecer e pronunciar palavras e frases. Este estágio inicial envolve a aprendizagem do código alfabético e suas correspondências sonoras, permitindo ao indivíduo decifrar textos escritos.

No entanto, a autora ressalta que essa etapa é necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento da competência leitora. Embora a alfabetização permita ao leitor identificar as palavras em um texto, a habilidade de ler com compreensão e interpretar textos vai muito além do processo de alfabetização.

É na lacuna desse contexto reducionista de alfabetização funcional que surge o conceito de letramento como a capacidade de usar a leitura e a escrita para interagir, comunicar-se e participar de diversas esferas sociais, como a educação, o trabalho e a cidadania. Desse modo, o letramento não se restringe à decodificação de palavras; ele se relaciona com a compreensão, interpretação e produção de textos no contexto da cultura escrita. O conceito de letramento surge a partir do termo *literacy* e chega no Brasil, por volta dos anos 1980. No sentido tradicional, letramento pode ser entendido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 2010).

Conforme Soares (2011), o letramento pode ser definido como "a condição ou estado de quem participa ativamente das práticas sociais envolvendo leitura e escrita, que inclui a participação em situações em que a escrita desempenha um papel fundamental na interação entre indivíduos, assim como no processo de interpretação dessas interações" (Soares, 2011, p. 145). Segundo a perspectiva da autora, o uso da leitura e da escrita está intrinsecamente ligado à vida na sociedade.

Assim, o letramento vai além do simples desenvolvimento das habilidades de ler e escrever; ele representa um conjunto de práticas sociais, cada uma com suas

próprias maneiras específicas de operar, e essas práticas têm implicações significativas na forma como os participantes constroem suas identidades e relações de poder (Kleiman, 2011).

Essa concepção compreende os contextos locais, culturais, estruturais que caracterizam os diversos grupos sociais e as suas relações de poder. Assim, consideramos que se encontram em consonância os estudos de Magda Soares e a concepção de letramento ideológico proposto por Street (2007). O processo de letramento está vinculado às práticas sociais e a habilidade de leitura dos mais diversos gêneros textuais, os quais permitem ao sujeito a habilidade de avaliar criticamente informações, e se adaptar a diferentes situações de leitura e escrita. O letramento também inclui o entendimento das normas sociais, valores e práticas que permitem o uso da leitura e da escrita em uma sociedade. Desse modo, através de sua abordagem reflexiva e fundamentada, a autora reforça a necessidade de considerar a linguagem como um elemento central na formação educacional, promovendo a inclusão, a diversidade cultural e a capacidade de comunicação eficaz dos alunos.

Ao discutirmos a questão da leitura no Brasil, nos deparamos com pesquisas que apontam que se trata de um problema histórico, político e sociocultural, uma vez que também está relacionado a falta de políticas públicas eficazes de acesso à educação e ao livro, ausência de incentivos, de investimentos e de uma gestão eficiente, além de aspectos mais comportamentais. Assim, é importante destacarmos que o nível de leitura e de acesso à escolarização e aos livros também está atrelado às relações de poder e de exclusão, principalmente, em se tratando de populações marginalizadas social, geográfica e economicamente, etc.

O Brasil é marcado por séculos de escravidão, os quais resultaram na segregação de direitos fundamentais como o acesso à educação e, por consequência, à leitura escolarizada. Também é possível reforçar o fato de que por séculos as escolas estavam localizadas nos centros urbanos e destinados, principalmente, a um público elitizado. Assim, após um longo período, o poder buscou-se aumentar os índices de alfabetização por meio de programas educacionais voltados aos jovens e adultos. Em paralelo, também buscou-se diminuir o número de crianças que não frequentava a escola e que trabalhava para contribuir na renda familiar, o alto número de evasão escolar e as disparidades entre idade e série dos estudantes. Vale salientar a dificuldade das populações menos

favorecidas em se avançar ao nível de graduação, pois a universidade era considerada um espaço “elitizado”, acessado apenas por uma parcela privilegiada socialmente (Ribeiro, 1986).

Em uma sociedade com quase a metade de sua população analfabeta, quem eram os alunos e quem eram os professores? Os primeiros eram os que conseguiam superar todos os obstáculos para chegar até à escola, uma vez que o Brasil era predominantemente rural e as escolas nas fazendas eram raras. Esse era o mais forte obstáculo à escolarização. Urbanização e escolarização, portanto, são dois fenômenos que precisam ser considerados conjuntamente na história do Brasil (Bittar; Bittar, 2012, p. 161).

A educação brasileira e o acesso à leitura escolarizada também é marcado por alguns acontecimentos importante como as reformas educacionais, o programa de alfabetização de Freire, posteriormente interrompido por questões políticas impostas pela ditadura; o período de redemocratização e as políticas educacionais de caráter neoliberal; a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, prevista na Constituição Brasileira de 1988; a ampliação no Fundo de Desenvolvimento e Manutenção do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF, em 2003; a ampliação no investimento e expansão do número de universidades públicas federais, bem como a implantação do Programa Universidade Para Todos - ProUni e da oferta de cotas estudantis voltadas à populações com baixa renda, negros, indígenas e pessoas com deficiência.

Em função dos graves problemas estruturais na área da educação, o desempenho dos estudantes em relação a leitura alcança baixos índices, assim como a qualidade do ensino e da aprendizagem escolar. Nesse sentido, pesquisas importantes como o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes – PISA, promovido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, revelaram que, em 2018, o Brasil ocupou o 58º lugar no ranking com classificação abaixo de países como Chile (44º) e Uruguai (49º). Envolve mais de 40 países com diferentes aspectos sociais e culturais, a pesquisa avaliou estudantes de quinze anos, matriculados em escolas públicas e privadas.

O PISA (2018) visa não apenas avaliar os componentes de leitura, mas também inclui matemática e ciências, na busca de propor soluções e até promover reformas educacionais nos países avaliados.

A habilidade de leitura desempenha um papel crucial na mobilidade social, uma vez que é através dela, juntamente com a escrita, que o mundo se conecta. Os avanços tecnológicos, especialmente na comunicação por meio de mensagens

instantâneas, demonstram claramente que a leitura e a escrita são habilidades essenciais para garantir a comunicação efetiva entre as pessoas. Aqueles que não possuem habilidades de leitura enfrentam dificuldades significativas no seu desenvolvimento social, já que a leitura desempenha um papel fundamental na participação nas atividades da comunidade. Isso ocorre porque a leitura é uma parte integrante da aprendizagem ao longo da vida (Rosa, 2020).

Desse modo, usou-se o termo “letramento em leitura”, visando abarcar diferentes competências cognitivas, não se restringindo à decodificação das palavras, mas referindo-se ao conhecimento de mundo do estudante. Há ainda outros indicadores de programas de avaliação nacionais, voltados para acompanhar os índices das competências em leitura, como o SAEB/Prova Brasil e o Provinha Brasil, que, igualmente, registraram dados abaixo das expectativas. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no ano de 2021, o desempenho do Brasil em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB recebeu a nota 4,6, já a meta correspondia a 5,1; o estado do Pará teve a pontuação em 3,8, muito abaixo da meta proposta que se referia a 5,2.

Diante desse cenário preocupante em relação à proficiência na leitura, Solé (1998) destaca que talvez muitos estudantes não tenham muitas oportunidades fora da escola para se familiarizarem com a leitura; talvez não testemunhem muitos adultos lendo, e talvez ninguém leia livros para eles com regularidade. Embora a escola não possa resolver as injustiças e desigualdades sociais que enfrentamos, ela pode desempenhar um papel significativo na prevenção do agravamento dessas disparidades em seu ambiente. Auxiliar os alunos a desenvolver habilidades de leitura e cultivar seu interesse pela leitura é fornecer a eles uma ferramenta de enriquecimento cultural e conscientização cuja utilidade transcende os limites da instituição escolar.

Ainda sobre o papel dos educadores nos processos de leitura, Lajolo (2006) argumenta que, especialmente, em uma sociedade que pretende democratizar-se é imprescindível que os professores também sejam leitores e que possuam uma familiaridade com um amplo repertório de textos para que, assim, sejam capazes de não apenas compartilharem a leitura, mas de estimularem o interesse dos estudantes à literatura.

A análise do desempenho da leitura no Brasil, considerando as últimas décadas, é um exercício complexo e crucial para compreender o estado da educação e da cidadania no país. A leitura desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento, no desenvolvimento pessoal e na participação cívica. Silva (1996, p. 64) ressalta que é a partir do domínio da leitura que o homem pode fazer-se presente nas práticas sociais e intervir nelas. Nesse viés, o ato de ler pode ser entendido como um modo de questionar a realidade para compreendê-la melhor, a partir de um olhar crítico diante dos discursos. Nesse sentido, é fundamental problematizar o papel da escola como espaço de formação de leitores e refletir sobre práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Quando se aborda os processos de leitura no ambiente escolar, identifica-se cinco equívocos relacionados às abordagens pedagógicas. Ao definir o "mito da leitura como decifração", ele critica a visão que restringe a leitura a uma atividade puramente mecânica de decodificação das palavras, negligenciando a relevância da compreensão e interpretação do conteúdo. Ao fazê-lo, o autor ressalta a importância de reconhecer a profundidade que a leitura pode proporcionar (Souza, 2014)

Um outro aspecto questionado pelo teórico é o "mito da leitura como instrumento", na qual ela é percebida apenas como um meio para adquirir informações, negligenciando o pensamento crítico e a compreensão do mundo. O terceiro mito apontado faz referência à "leitura como aquisição de informação", ou seja, uma mera coleta de fatos e dados. Nesse sentido, ele ressalta que a leitura deve ir além disso, estimulando os leitores a refletirem sobre as ideias desenvolvidas nos textos, a fazerem conexões e construir conhecimentos a partir das leituras.

O autor também introduz o conceito de "mito da leitura como decalque", que implica que os significados dos textos estão predefinidos e devem ser simplesmente assimilados pelos leitores. Esse quinto mito da leitura lança uma crítica às abordagens tradicionais de ensino, em que o professor desempenha o papel de transmissor de conhecimento e os alunos são meros receptores passivos. A leitura deve ser vista como um diálogo entre o texto e o leitor, no qual ambos colaboram na construção de significados. Isso enfatiza a necessidade de uma reflexão profunda sobre as práticas educacionais e a adaptação das abordagens pedagógicas de acordo com os desafios contemporâneo (Souza, 2014)

A análise crítica do desempenho da leitura no Brasil na última década destacou a importância de alinhar as concepções teóricas com as práticas sociais,

uma vez que os resultados das avaliações apontam para um descompasso entre teoria e prática. Para superar esses desafios, é fundamental que sejam adotadas políticas educacionais abrangentes que considerem as práticas de alfabetização e de letramento no contexto escolar, valorizando a leitura como um ato de empoderamento e que garantam a igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente de sua região ou condição socioeconômica. A leitura não deve ser vista apenas como uma competência técnica, mas como um instrumento que capacita os indivíduos a compreenderem o mundo à sua volta e a se envolverem na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **A FORMAÇÃO DE LEITORES E OS PROCESSOS DE LETRAMENTO LITERÁRIO**

Vivemos em um mundo cada vez mais permeado por imagens e textos visuais, por isso, torna-se necessário formar leitores e produtores de textos multimodais e multissemióticos. Assim, a escola se revela como um espaço que constrói indivíduos capazes de enfrentar os desafios de um mundo visual e digital em constante evolução, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e informados.

Os gêneros textuais ou discursivos, orais ou escritos estão presentes em todos os lugares onde há linguagem. Nos expressamos e nos comunicamos por meio deles, assim compreendemos o porquê de serem tão diversos quanto permite a esfera da atividade humana em que se produz a linguagem. Esse tipo de entendimento e noção sobre gênero se apresentou pela primeira vez pelo teórico Mikhail Bakhtin (1992). Ele apresenta uma definição de gêneros do discurso a partir de três elementos que serão abordados neste trabalho: conteúdo temático, estilo e construção composicional:

O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 1992, p.262).

Ampliando a perspectiva e diversidade de gêneros discursivos, atualmente, os estudos voltados para a área da educação estão centrados na perspectiva do multiletramento e da multissemiose, tendo também como enfoque a multimodalidade dos textos e de seus suportes, a partir do contexto de produção, circulação e

interlocução textual. A partir da expansão dos meios tecnológicos de acesso à informação e ao conhecimento, surgiram novas dinâmicas sociais e perspectivas de análise sobre a construção de sentidos, atuação do imaginário e formação de leitores.

De acordo com Bauman (2001), a contemporaneidade se caracteriza pelo conceito de "modernidade líquida", devido à falta de estabilidade nos padrões sociais, à ideia de uma nova ordem que emerge da "liquidação das estruturas sólidas", resultando na "crescente libertação da economia de suas tradicionais restrições políticas, éticas e culturais" (Bauman, 2001, p. 10)

Nesse cenário, as mudanças estruturais da sociedade pós-industrial, a intensificação da globalização, produção tecnológica, revolução digital e o imperialismo cultural consolidaram um novo tipo de pensamento, o "imagético", que é resultado do imaginário impulsionado pelo entretenimento midiático. Desse modo, discutir sobre o modo como o indivíduo se relaciona com as imagens é também uma tentativa de entender como se constrói o imaginário em relação à leitura do mundo e da palavra.

Para atrair a atenção dos estudantes para o mundo da leitura é preciso compreender o contexto em que eles estão inseridos, e, principalmente, as estratégias metodológicas que conduzirão à mediação de leitura. Assim, compreender o modo como as práticas de leitura também se fazem presente, a partir de filmes, jogos, livros ilustrados, mídias, redes sociais, dentre outras linguagens e suportes visuais.

Desse modo, se desejamos formar leitores é preciso mais que alfabetizar, ou seja, ensinar a decodificar os códigos da língua escrita é necessário pensar em práticas de letramentos, buscando entender o lugar da escola como uma agência de letramento. Vale ressaltar que, ao valorizarmos a cultura, é preciso levar em conta os "múltiplos letramentos valorizados ou não, globais ou locais" (Rojo, 2009, p.100).

Tendo em vista as concepções acerca das práticas de letramento e suas relações com a formação do leitor literário é preciso compreendermos o contexto em que ocorre a leitura. Nesse sentido, sabemos que ler um texto literário é diferente de ler uma bula de remédio, um manual de instruções, entre outros textos que circulam socialmente, pois atende a objetivos e conhecimentos diferentes. Assim, buscamos na teoria dos letramentos subsídios teóricos que auxiliam o professor (re)pensar o

ensino da leitura e a construir metodologias para a prática da leitura literária na escola.

Isso ressalta a ideia de que as atividades sociais que envolvem leitura e escrita não são uniformes, mas variadas, e englobam uma ampla gama de linguagens e meios de comunicação que requerem conhecimentos e habilidades particulares. Portanto, é necessária a introdução de termos qualificadores, como "letramentos digitais" e "letramentos de reexistência" (Souza, 2019), e, em nosso contexto, os "letramentos literários" (Cosson, 2006).

É importante destacar que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição. Para o autor, a compreensão do letramento literário, é uma atividade que ocorre dentro do contexto social e, portanto, é uma responsabilidade da escola. A questão em discussão não se resume a decidir se a escola deve ou não incluir a literatura em seu currículo, como enfatizado por Magda Soares. Em vez disso, o ponto crucial é determinar como incorporar a literatura no ambiente escolar sem descaracterizá-la, evitando transformá-la em uma imitação vazia de si mesma que, em vez de afirmar, mina seu potencial de enriquecimento humano (Cosson, 2006).

Kleiman (2010) defende que a escola é uma das mais importantes agências de letramento. Dessa forma, precisamos da escola para que os letramentos literários possam se concretizar. Segundo Soares (2011), a escolarização do texto que adentra a escola é inevitável.

[...] o que se quer deixar claro é que a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura – aquela que conduz mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura (SOARES, 2011, p. 47).

Atualmente, discute-se sobre o processo de didatização e sistematização da leitura literária na escola como parte do processo de ensino e aprendizagem. Soares (2011) destaca a importância da escolarização no sentido de potencializar a leitura literária possibilitando a ampliação das dimensões afetivas, ética e estética na leitura dos textos. Ao propor as práticas de letramento literário em sala de aula, Cosson (2006) apresenta duas sequências didáticas que auxiliam o professor a pensar e



elaborar as suas atividades para a sala de aula: A sequência didática básica e a expandida

Após várias revisões, o conceito de letramento literário como prática passou a ser definido como o "processo de apropriação da literatura enquanto criação de significados literários" (Paulino; Cosson, 2009). Isso significa que, semelhante a outros tipos de letramento, envolve a aquisição pessoal de habilidades de leitura e escrita que não estão restritas ao ambiente escolar, embora também incluam essa esfera.

Letrar-se literariamente não se limita a adquirir conhecimento através da leitura de obras literárias, seja em casa, na escola ou em outros contextos. É crucial compreender que esse processo não tem um começo ou um fim na escola; ele é uma jornada que se estende ao longo de toda a vida e pode se manifestar na criação de significados literários em diversos eventos da vida social, como contar e recontar histórias para crianças na hora de dormir, entre outros.

Outro ponto enfatizado em relação à experiência literária é a ênfase no caráter de diálogo que surge da interação entre o leitor e o escritor, considerando esses processos como formadores da linguagem. Candido (1995), por sua vez, defende a literatura como um direito fundamental do ser humano, uma vez que a narrativa contribui para a formação dos indivíduos e para a construção de seus caracteres.

Nessa perspectiva, é crucial expandir as reflexões sobre os processos de leitura e de letramento literário para promover a ideia de uma educação literária-poética que esteja integrada ao contexto social e cultural dos estudantes, indo além dos limites das instituições educacionais. Portanto, o modelo de educação voltado para a literatura não deve estar restrito apenas ao âmbito artístico-literário, mas também deve abranger dimensões filosóficas, científicas e estéticas. Como resultado, é necessária a implementação de políticas educacionais e estratégias metodológicas que transcendam o uso exclusivo do livro didático e do espaço escolar, uma vez que a literatura e a poesia desempenham papéis significativos em diversas esferas sociais e culturais.

A pesquisadora Cyana Leahy-Dios (2004) argumenta que a educação literária deve incluir a definição de metas, métodos e critérios de avaliação que estejam ligados ao processo de construção do conhecimento. Mais do que simplesmente

envolver estudantes e professores, a leitura, análise e interpretação de textos literários são apresentadas como um meio de formar cidadãos.

É crucial compreender que uma abordagem escolar que promova a educação literária deve considerar o letramento literário em relação aos multiletramentos, em vez de isolá-lo, especialmente porque vivemos em um contexto permeado pela cultura digital, diversas linguagens e textos multimodais. A pandemia do Covid-19 destacou ainda mais o fato de que os processos de leitura e escrita não estão confinados ao ambiente escolar ou aos livros físicos, mas se estendem ao ciberespaço, através de plataformas virtuais, aplicativos, redes sociais e muito mais. Esse cenário ampliou o uso de tecnologias e gêneros midiáticos e digitais em algumas escolas, adaptando-se à realidade de cada ambiente educacional, o que possibilitou a utilização e criação de diversos tipos de textos, como podcasts, fanfics, memes, TikToks, ciberpoesias, instapoemas, detonados, tutoriais, entre outros, que exploram diversas formas de comunicação.

No entanto, é fundamental reconhecer que a escola ainda mantém sua importância como um espaço significativo para a formação de leitores, especialmente porque as práticas de leitura e o acesso a obras literárias ainda enfrentam desafios, como a escassez de bibliotecas públicas e o alto custo dos livros. Portanto, é essencial fortalecer cada vez mais a cultura da leitura como uma prática social.

As práticas de letramento literário e o aspecto lúdico: a importância da formação reflexiva e múltipla do leitor, quando discutimos as representações do texto literário no ambiente escolar, é importante não apenas considerar os valores e comportamentos que essas representações carregam, mas também refletir sobre a dinâmica entre o leitor, o autor e os processos de mediação da leitura. Nesse contexto, Dos Santos e Da Silva (2018) ressaltam que, por meio das ferramentas educacionais, valores políticos, ideológicos, culturais e comerciais são introduzidos, muitas vezes por meio de políticas educacionais e currículos, com destaque para o papel proeminente desempenhado pelo livro didático e outros materiais pedagógicos. Para eles, o ensino de literatura na escola representa.

Uma interface entre o mundo que o texto literário representa (o mundo artístico, ficcional e poético) e o mundo dos leitores reais. Isso não implica em fazer julgamentos sobre as ações relacionadas a esses processos, mas sim em buscar compreender como ocorrem as transformações no ambiente escolar no que se

refere à leitura literária, e como essas mudanças afetam a formação de leitores e se, de fato, contribuem para a formação de leitores (Dos Santos; Da Silva, 2018).

Desse modo, refletir sobre a importância da educação literária passa por compreendermos como atuam as relações de poder no contexto social, político e cultural, e assim como são construídas as políticas educacionais e curriculares, a exemplo da construção das políticas curriculares direcionadas às escolas e as diretrizes que norteiam a compreensão sobre competências e habilidades voltadas para o estudante leitor.

Quando consideramos as práticas de letramento literário que buscam a formação reflexiva e diversificada do leitor, também entramos em discussões sobre as dimensões do texto e sua relação com o leitor enquanto corpo. Nesse contexto, Zumthor (1997) argumenta que o texto está intrinsecamente ligado à experiência humana e aos sentidos.

Zumthor (1997) argumenta que o texto é uma manifestação do corpo, do gesto e da voz, encapsulando a teatralidade presente em culturas antigas e nas culturas contemporâneas. Ele sugere que o texto é uma parte integrante de um amplo conjunto em que sua relevância está relacionada com o que ele considera ser o aspecto mais enriquecedor da experiência humana: a dimensão emocional da comunicação e a capacidade de alcançar os princípios que garantem uma presença corporal plena, resultando em uma memória duradoura sempre que o texto é revivido (Zumthor, 1997).

Portanto, é crucial expandir nosso entendimento sobre as possibilidades de leitura, explorando práticas que envolvam os sentidos. A pedagogia do sensível, que se originou no campo da educação, propõe uma abordagem mais sensível e estética no processo de ensino e aprendizagem. Quando aplicada à leitura literária e poética, essa abordagem tem como objetivo despertar no leitor a capacidade de sentir e perceber uma obra de forma mais profunda e significativa. Ainda sob esse aspecto, alguns autores como Merleau-Ponty (1999) defendem a importância da experiência perceptiva na compreensão do mundo. Segundo ele, o corpo é o meio pelo qual o sujeito se relaciona com o mundo e, portanto, a leitura deve ser compreendida como uma experiência sensorial, que envolve a percepção do corpo-leitor.

Já em relação aos processos de mediação da leitura literária, Lajolo (1988) critica a escolarização da leitura e da literatura e questiona o caráter técnico-instrumental, pautado em metodologias repetitivas que buscam apenas a otimização

de procedimentos. Soares (2011) complementa lembrando a necessidade da construção de práticas escolares que conduzam à leitura literária como uma experiência estética e ideológica, ou seja, capaz de levar o aluno ao senso crítico e ao prazer, caso contrário a literatura se torna um instrumento de ensino mecanizado.

Quando enfocamos a importância da formação múltipla do leitor levando em consideração a experiência e a fruição leitora, também abrimos essa discussão para destacar o aspecto lúdico no espaço formativo escolar e sua importância no desenvolvimento cognitivo dos estudantes e na aquisição de uma aprendizagem significativa.

Segundo os estudos, a ludicidade nas práticas pedagógicas contribui para o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colaborando para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento dos estudantes. Apesar dos benefícios, ainda hoje muitas instituições de ensino seguem modelos pautados em uma educação tradicional e centrada na mera transmissão de conteúdo. Esse fato está relacionado a diversos fatores como a formação inicial e continuada de professores, as políticas públicas educacionais, além de outros aspectos estruturais e culturais sobre as práticas pedagógicas.

Nesse viés, é possível destacar que muitos egressos dos cursos de graduação não estão preparados para atender as necessidades das escolas, principalmente no que se refere à compreensão da criança como ser histórico, capaz de construir seu próprio conhecimento.

A ludicidade tem sido destacada como uma opção para promover o desenvolvimento do indivíduo, e os programas de formação precisam se ajustar a essa mudança. Uma maneira de reconsiderar esses programas é incorporar um novo elemento em sua estrutura curricular: a formação lúdica.

Para compreender o significado do lúdico é fundamental fazer uma análise da história desta educação em tempos posteriores a fim de entender as características e o sentido na vida da criança e, ao mesmo tempo, constatar as transformações e mudanças que ocorreram através desta educação na aprendizagem da criança. Nessa perspectiva, o lúdico é a manifestação da cultura humana e da própria continuidade da espécie. Analisá-lo, é entender o próprio sentido da educação e sua importância no desenvolvimento infantil, como condição primeira à formação integral

do indivíduo, indispensável ao processo de socialização e interação entre os semelhantes na busca da harmonia e da convivência fraterna.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como considerações finais destaca-se a importância da mediação literária na Educação Infantil como uma estratégia pedagógica que pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. O texto ressalta que a mediação literária pode ser utilizada para estimular a imaginação, a criatividade, a curiosidade e a reflexão crítica das crianças, além de promover o desenvolvimento da linguagem e da compreensão leitora.

Destaca ainda a importância de alinhar as concepções teóricas com as práticas sociais e refletir sobre práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Por fim, o texto enfatiza a necessidade de políticas educacionais abrangentes que considerem as práticas de alfabetização e de letramento no contexto escolar, valorizando a leitura como um ato de empoderamento e que garantam a igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente de sua região ou condição socioeconômica.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

BATES, Tony. Educar na era digital. **Versão ABED**, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 157-168, July-Dec., 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [recurso eletrônico] — Brasília : Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. BRASIL.

CANDIDO, Antonio. Literatura, espelho da América?. **Luso-Brazilian Review**, p. 15-22, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006, 139 p.

DOS SANTOS, Oton Magno Santana; DA SILVA, Ezequiel Theodoro. A educação literária brasileira: reflexões sobre o exercício da literatura na sala de aula. **Linha Mestra**, v. 12, n. 36, p. 906-910, 2018.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2005.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, Angela B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Revista perspectiva**, v. 28, n. 2, p. 375-400, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LEAHY-DIOS, CYANA. **Espaços e tempos de educação.** 2004.

LOPES, Luana Monique Delgado et al. Inovações educacionais com o uso da realidade aumentada: uma revisão sistemática. **Educação em Revista**, v. 35, 2019.

ISOTANI, Seiji et al. (Ed.). **Artificial Intelligence in Education: 20th International Conference, AIED 2019, Chicago, IL, USA, June 25-29, 2019, Proceedings, Part I.** Springer, 2019.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, p. 61-79, 2009.

RIBEIRO, Maria Luíza Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar.** 6. ed. São Paulo: Moraes, 1986.

ROSA, Vítor et al. PISA, TIMSS e PIRLS em Portugal: uma análise comparativa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 33, n. 1, p. 94-120, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**; trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SOUZA, Luciana G. G. de.; BERTOLUZZI, Valéria I.; ALVES, Marcos A. Os multiletramentos e a contemporaneidade: reflexões para o ensino de humanidades e linguagens IN Ensino e Pesquisa: **Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente**, vol. 17, n. 1, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/2253/1758>. Acesso em: 26 jul de 2021.

SOUZA, Raquel. Uma leitura do mito de narciso: as águas profundas de uma sanga gaúcha. **Revista Léguas & Meia**, v. 6, n. 1, p. 147-164, 2014.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo**. n. 8, p. 465-488, 2007.

VIEIRA, Maria Cristina dos Santos. **Reflexões sobre literatura: texto literário e não literário**. 32 p. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras - Português EaD) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovich et al. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, v. 10, p. 103-117, 1988.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, v. 1, p. 997, 1997.